

A Defesa Siciliana de Hegel: a Relação da Lógica da Essência com a Metafísica, o Ceticismo e a Filosofia Transcendental

Klaus Vieweg¹

Abstract: Hegels Logik gleicht in manchem dem tollkühnen Unternehmen des Odysseus, das Erkennen in der Logik soll laut eigener Auskunft weder dem allverschlingenden Sog der Skylla namens Unmittelbarkeit noch den Charybdis-Fangarmen der gefräßigen Vermittlung anheimfallen. Eine herausragende Rolle in dieser theoretischen Konzeption kommt Hegels Wesenslogik zu: „Der ganze zweite Teil der Logik, die Lehre von dem Wesen, ist Abhandlung der wesentlichen sich setzenden Einheit der Unmittelbarkeit und der Vermittlung.“ (Enzyklopädie § 65). Damit versucht Hegel eine dritte Philosophie zu entwickeln, jenseits von einem Dogmatismus der Unmittelbarkeit (des Nicht-Relationalen) und einem Skeptizismus (Relativismus) der Vermittlung (des Relationalen). Oder mit anderen Worten: Es geht um die Überwindung der Antinomie von subjektivem Idealismus/Konstruktivismus und Objektivismus/Realismus. Im Blick auf die heutigen Reanimationsversuche dieser beiden einseitigen Positionen könnte Hegels Vorschlag von hoher Aktualität sein. Es geht so um einen Kernpunkt des heute erforderlichen Hegelian turn in der Philosophie.

Na sua *Ciência da Lógica*, Hegel tentou escapar de um dilema imitando Ulisses, mas, como se sabe, no dilema denominado moinho de vento no jogo de xadrez não há escapatória possível porque, seja qual for o movimento ou a alternativa que se escolha, a queda é inelutável. Embora uma abertura clássica no jogo real das 64 casas seja batizada justamente de *Defesa Siciliana*, claramente a Odisseia siciliana não era um jogo de xadrez. O herói antigo logrou escapar ao tremendo dilema com que, de cada lado do Estreito de Messina, espreitavam os monstruosos Cila e Caríbdis. A *Lógica* de Hegel, e, em particular, a *Lógica da Essência* assemelha-se em muito à temerária empresa de Ulisses porquanto na *Lógica*, segundo os

¹ Professor für Philosophie, Schwerpunkt Klassische deutsche Philosophie, Friedrich-Schiller-Universität Jena. E-mail: klaus.vieweg@uni-jena.de.

seus próprios termos, o conhecimento não deve sucumbir nem ao vórtice devorador de Cila, de nome imediatez, nem aos tentáculos de Caríbdiss, a voracidade da mediação.² Dois grandes males devem ser evitados: a nudez unilateral da imediatez e a unilateral mediação. Assim como outrora em Messina, também esta concepção é muito estreita e difícil, também aqui a fúria da rebentação é tempestuosa, e encontram-se muitos vórtices fatais e tentáculos escorregadios. Com os dois perigosos monstros emerge um primeiro motivo do meu título: a estrutura da *Isosthenia* pirrônica. Não por acaso Fichte comparou o cético aos monstros marinhos, e Goethe, a dúvida ao demônio, no sentido da dual-idade (Zwei-heit), da duplicidade (Zwiespältiges), *dubitare, dubio, diabolo* – a palavra ‘dúvida’ (Zweifel) vem de ‘dois casos’, do que é *dúbio* (Zwei-Fälliges), a reflexão em sentido estrito remete igualmente para esta estrutura dual. *En passant*: a Lógica da Essência constitui a *segunda* parte da *Ciência da Lógica*, aquela que Hegel considerava a mais difícil e perigosa. Retornarei a este ponto, mas devo adiantar agora a tese central, de que aqui só darei atenção a algumas poucas facetas: “toda a segunda parte da *Lógica*, a Doutrina da *Essência*, é o tratado da unidade, que se põe essencialmente a si, da imediatez e da mediação.”³ Os dois monstros – a imediatez e a mediação – devem ser amansados e domesticados. Em primeiro lugar, deveriam ser pensados como uma unidade essencial, em ‘ligação *inseparável*’⁴ – nada há entre o céu e a terra que não corresponda a essa simbiose – e, em segundo lugar, esta identidade deve ser compreendida como unidade que se põe a si. Mas pode ser bem-sucedido o amestrar destes dois recalcitrantes? Que papel desempenha nisso o fantasma do ceticismo? Que relações relevantes há entre a lógica da essência, a metafísica e a filosofia transcendental? Algumas primeiras aproximações a esta questão:

² Hegel, *Enzyklopädie*, TWA 8, § 75.

³ „Der ganze zweite Teil der Logik, die Lehre vom Wesen, ist Abhandlung der wesentlichen sich setzenden Einheit der Unmittelbarkeit und Vermittlung.” (TWA 8, § 65).

⁴ “unzertrennlicher Verbindung” (TWA 8, § 12).

1

Num propósito totalmente crítico, Hegel não compreende de todo a essência como uma ausência de determinações morta e vazia, como algo de imediato, com exclusão do que é mediado, com a recusa de toda e qualquer determinidade. Os paladinos do saber imediato asseguram que este imediato, tomado em última instância como isolado, com exclusão da mediação, teria como conteúdo a verdade, propagam, assim, o ‘ou uma coisa ou outra’ e recaem no entendimento metafísico. Segundo Hegel, contudo, a imediatez do saber não só não exclui a mediação, como as duas estão de tal modo interligadas que o saber imediato pode e deve ser visto como o resultado da mediação, assim como, inversamente, a lógica do ser imediato desemboca da lógica do ser-mediado. Uma lição acerca disto é já dada, como se sabe, pelo capítulo da *Fenomenologia* intitulado ‘A Certeza Sensível’, que intervém como saber imediato, saber do imediato ou do ente, mas que se revela ‘simultaneamente como mediado’, e, segundo Hegel, a diferença entre o mediado e o imediato está na própria certeza sensível.

O vulgar entendimento abstrato, pelo contrário, que vê sempre um dos lados por si como absoluto, introduz então o mito da incompatibilidade, ou exige um salto mortal (à maneira de Jacobi) entre os dois. Hegel apresentou argumentos convincentes contra estas posições unilaterais. O ser, que aparentemente apresenta a imediatez, através da sua própria negatividade, que lhe é imanente, segue a sua própria dinâmica até a sua superação. A essência não pode valer como uma ausência de determinações morta, totalmente vazia, nua, não pode de modo algum valer como uma essência completamente indeterminada, sem conteúdo ou medida, do género do ‘conjunto de todas as realidades’, ao qual são então simplesmente atribuídos predicados. O ser puro, imediato não pode precisamente escapar à mediatividade mas, diferentemente do procedimento da predicação, na figura da mera atribuição ou adjudicação infundada de predicados, Hegel reclama justamente a

derivação logicamente rigorosa destas determinidades, requer a demonstração no claro sentido lógico do termo.

Na sua exigência de uma dedução das categorias, Fichte tem profundo mérito nesta exigência de derivar na sua necessidade, e não simplesmente de receber ou escolher as determinações do pensar. Devemos demorar-nos um pouco nesta reivindicação [geläufig], em especial no que se refere ao problema do imediato e do mediado. Já o puro ser como pura imediatez absoluta, segundo a tese de Hegel, revela-se como mediado, todos os estádios e formas lógicas têm de poder ser vistos como formas dessa unidade. A argumentação requerida para tal é fornecida no capítulo sobre *O Conceito Particular*, com a derivação da particularidade.⁵ Em termos metafóricos, trata-se de uma pedra angular lógica, de um pensamento pura e simplesmente fulcral do idealismo hegeliano. Seja-nos permitido também, à luz da argumentação nos §§ 5 e 6 da *Filosofia do Direito*, expor este pensamento como um pensamento constante [na *Lógica de Hegel*]. A justificação desta breve repetição reside em que a temática decisiva da *particularidade* em Hegel tem sido até aqui tratada com desprezo, sendo quase sempre enfatizada somente a relação entre a universalidade e a singularidade.

O particular resulta do primeiro estádio da auto-determinação do universal, o universal é afinal ele próprio o particular. A universalidade imediata e abstrata, esta *indeterminação* inicial do conceito constitui justamente a sua *única determinidade*. Que ele é particular, esta negatividade absoluta é, desde logo, a sua única e exclusiva determinidade – numa inversão [do dito] de Espinosa: *omnis negatio est determinatio*. Este absoluto não é completamente vazio – acrescenta Hegel –, não é precisamente uma pura abstração em sentido rigoroso. Também ela sofre do *horror vacui*, tem a “determinidade da indeterminidade”.⁶ Esta determinidade, a saber, de ser indeterminado, permanece desde o

⁵ TWA 6, #

⁶ Hegel, *Wissenschaft der Logik*, TWA 6, 285.

começo a inultrapassável dotação mínima, o mínimo absoluto como a determinidade *única e exclusiva*, de modo nenhum como vazio total ou ausência morta de determinações, em primeiro lugar precisamente como *determinidade radicalmente subdeterminada*. E isto não é simplesmente atribuído, adjudicado sem mais, mas resultado da operação lógica.

Uma exposição instrutiva deste pensamento fulcral do idealismo hegeliano é oferecida nos §§ 5 a 7 das *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*.⁷ Os §§ 5 e 6 demonstram de maneira clara a fundação lógica da filosofia prática, contêm a estrutura argumentativa anteriormente esboçada. A vontade contém, primeiro, a pura indeterminidade, a pura reflexão do eu em si, a abstração absoluta. Isolada, e tomada a partir do ponto de vista da representação simplesmente como a liberdade, ela é, para Hegel, a liberdade negativa, a liberdade do entendimento, a liberdade aparente do vazio. Numa versão de extrema precisão terminológica segue-se, no § 6, o passo decisivo, central para o pensamento de Hegel, que acentua o determinar como posição e particularização. O eu é igualmente, ou simultaneamente um determinar como pôr um conteúdo, um pôr de si próprio pelo qual resulta o momento absoluto da finitude e da particularidade do eu.⁸ Isto implica, por um lado, a identidade com o primeiro passo da argumentação, ambos expõem a negatividade. Por outro lado, o segundo momento representa a superação da primeira negatividade abstrata. E segue-se então a passagem decisiva. Citando: “assim como o particular em geral, o segundo momento está, por isso, já contido no primeiro, e é somente um *pôr* do que o primeiro em si já é”⁹ – trata-se do resultado de uma rigorosa derivação lógica que evidencia a ilusão de uma verdadeira infinidade (como indeterminidade *pura*) presente

⁷ Aprofundado em Klaus Vieweg, *Das Denken der Freiheit, Hegels Grundlinien der Philosophie des Rechts*,

München 2012, S. 57-67.

⁸ TWA 7, § 6.

⁹ *Ib.*

no primeiro momento. O conceito como universalidade concreta não é apreendido no primeiro momento de modo satisfatório, mas só unilateralmente, no sentido de uma condição necessária, mas não suficiente.

Porque, e isto é o importante para Hegel, o primeiro momento “é a abstração de toda a determinidade, ele próprio não é *sem* determinidade,” – o “sem” é conscientemente sublinhado or Hegel – “ser algo de abstrato, unilateral, constitui a sua determinidade, carência e finitude.”¹⁰ Com o pensamento da negatividade imanente está formulado o pilar fundamental do pensar especulativo. Temos a forma lógica da unidade da universalidade com a particularidade na singularidade, como universalidade que tem como oposto o particular, mas que por meio da sua reflexão em si está equiparado ao universal. Hegel descreve este terceiro estágio lógico no § 7, como o imo da especulação que pertence à Lógica como filosofia especulativa pura – o pensamento da infinidade como negatividade referida a si própria.¹¹

2

A Lógica da Essência deve ser o resultado da Lógica do Ser, a essência como a verdade do ser. Assim, a Lógica da Essência não pode deixar de confrontar o pensamento da imediatez, da indeterminidade necessariamente como o pensamento da determinidade, da mediação do entendimento, e de coloca-los em relação. A esfera da essência só alcança, contudo, uma ‘ligação ainda imperfeita da imediatez e da mediação’, de certo modo, apenas a essência como a força imperativa do diferenciar e do particularizar, mas ainda não a própria quintessência, o pensar conceitual.

Segundo informa o seu autor, a Lógica da Essência contém ‘a parte mais difícil da Lógica’, principalmente as categorias da

¹⁰ *Ib.*

¹¹ TWA 7, § 7.

metafísica e das ciências como produtos do entendimento reflexivo, como um entendimento que (a) fixa as diferenças como independentes, e que tem a sua legitimação na diferenciação do concreto na determinidade abstrata, e que (b) põe simultaneamente a relatividade dessas diferenças, ligando-as no entanto somente numa justaposição ou sequência, por meio do *Também*, com letra maiúscula, e pela fixação de uma dualidade rígida, em última instância irresolúvel: Deus, por assim dizer, como essência de inumeráveis nomes, Deus sem quaisquer propriedades particulares, impróprias dele, como substância e os seus dois ou infinitos atributos. Assim só pode ser constituída uma identidade do entendimento, não uma identidade especulativa do conceito. Neste traçado da auto-determinação não se consuma uma genuína auto-determinação, porquanto o objecto não é entendido como livre, como se determinando a partir de si próprio, e aquilo que é dado ou encontrado, os resultados da representação são, em última instância, tão-só adjudicados ou atribuídos ao infinito, devemos aceitá-los porque sim, porque são asseverados sem mais.

A metafísica tradicional, que encontra na Lógica da Essência a sua superação, transformação e continuação, considera justamente as determinações do pensar como determinações fundamentais das coisas – a Lógica de Hegel como sistema das puras determinações do pensar é, por isso, genuinamente metafísica –, mas a metafísica moderna reúne estas determinações abstratas a partir das representações, das quais os modernos estão particularmente dependentes, dado que elas expõem conteúdos decisivos. Por exemplo, a representação alinha predicados simples – Deus como criador, onisciente, onipotente – que, no entanto, devem continuar a ser exteriores entre si. O entendimento segue este procedimento, mas afirma, contudo, a necessidade das relações entre as determinações isoladas da representação.¹² Em ambos – representação e entendimento – as particularidades estão como

¹² TWA 8, § 20.

dadas, como encontradas imediatamente, o encontrar deve ser a validade, Hegel fala de “fatos [Tatbeständen] encontrados prontos”, como, por exemplo o mundo ou Deus. Em primeiro lugar, a atribuição de tais predicados – que Hegel ironicamente caracteriza como ‘magníficos’ – supremos e últimos como a *existência* [*Dasein*],¹³ resulta de que Deus é, de modo nenhum do que ele é. A Deus, assim como ao mundo, é atribuída a existência como predicado. Em segundo lugar, tem de se admitir uma coleção arbitrária ou uma má infinidade de predicados – substância com dois ou com infinitos atributos – e, terceiro, em casos isostênicos-antonômicos, aplicar-se-á o princípio do terceiro excluído, implicando a alternativa ou...ou... Fatalmente este procedimento irá conduzir aos cinco terríveis tentáculos do monstro pirrônico denominado os *Cinco tropoi de Agripa*, no *tropos* do regresso ao infinito e no *tropos* da relatividade. Contra a positividade unilateral de uma tal metafísica, ligada à insistência na validade das formas lógicas da proposição e do juízo – também aqui os *tropoi* pirrônicos demonstram ser as armas principais contra o dogmatismo, com a sua exclusão de teses opostas indiferentes, contra o entendimento que insiste no isolamento dos termos. Para Hegel, o método cético da filosofia transcendental insere-se nesta tradição pissônica. Não é por acaso que esta relação está explicitamente estabelecida no início da *Lógica da Essência* – com o termo ‘fenômeno’ (*phainomenon*) do ceticismo e ‘aparecimento’ [*Erscheinung*] no idealismo transcendental entra em jogo radicalmente o pensamento da mediação, da dualidade, ambos – *phainomenon* e aparecimento – não expõem uma coisa, um ser imediato e indiferente, mas apenas existem na sua determinação e referência ao sujeito ou, em termos abstratos: a um eu. Assim se completa a necessária inversão do ser no aparecer, o caminho que vai do *Myth of the Given* até ao outro extremo, o *Myth of the Construction*; mas acerca disto, um excuro breve e simplificado:

¹³ TWA 8, § 28.

Sobre a suspensão cética, a renúncia à afirmação, encontra-se em Sexto Empírico a seguinte passagem fulcral: “acerca de nenhuma das coisas que direi afirmo com certeza que ela é, em cada caso, tal como eu digo, mas apenas descrevo aquilo que agora me aparece acerca de cada uma delas.”¹⁴ Conectam-se aqui alguns importantes palavras de ordem pirrônicas: 1) o eu e o particular-singular; 2) o aqui e o agora, o instante; 3) o que aparece; e 4) o relatório descritivo disso que aparece, uma vivência própria. Na primeira versão alemã deste passo, Niethammer traduz como se segue: “a Escola Cética tem como seu critério o aparecimento [Erscheinung], o que entende propriamente como a *representação do aparecimento*.”¹⁵ O aparecimento e a representação pertencem ao vocabulário imprescindível deste ceticismo. O pirrônico pergunta pelo que é afirmado acerca do que aparece, e isto significa aparecimentos como estados de coisas sob a forma de uma “*representação segiundo a vivência*”.¹⁶ Trata-se, para o pirrônico, da ‘*comunicação de uma vivência humana*’ – por assim dizer, “o que aparece a quem tem a vivência”.¹⁷ Com esta estratégia o pirrônico quer evitar a precipitação do juízo e, simultaneamente, a reivindicação de validade do saber tal como foi feita pela metafísica.

Trata-se de um *fazer adiar temporário*, de modo algum de uma exclusão principal do saber – o cético admite que talvez possa no futuro alcançar completamente o saber. Ele comunica as suas vivências sob a forma da *descrição das suas representações*. Assim, qualquer afirmação deveria ser precedida da expressão ‘*tal como aqui e agora me aparece*’. O que aparece (*phainomenon*), a representação (*phantasia*), a negatividade e a pura subjectividade

¹⁴ “daß ich von keinem der Dinge, die ich sagen werde, mit Sicherheit behaupte, daß es sich in jedem Falle so verhalte, wie ich sage, sondern, daß ich über jedes einzelne nur nach dem, was mir jetzt erscheint erzählend berichte.” (Sextus Empiricus, *Pyrrhonische Hypotyposen*, Frankfurt 1985, p. 93 (PH, I, 4).)

¹⁵ „Die Skeptische Schule hat zu ihrem Kriterium die Erscheinung, worunter sie eigentlich die Vorstellung der Erscheinung verstehen.” (Ib. p. 209.)

¹⁶ Ib., p. 98 (PH, I, 19).

¹⁷ Ib., p. 141 (PH, I, 203) – itálicos do autor, K.V.

fundem-se nesta concepção. O que aparece – de acordo com Sexto no seu escrito *Contra os Dogmáticos* – é ‘individual e momentâneo’, uma tal posição negativa pretende permanecer meramente uma mera subjetividade e aparência particular.¹⁸

O critério do ceticismo – segundo a inteligência fundamental de Hegel – forma o que aparece, o que deve ser entendido (conforme Sexto), como o *subjetivo* (*phantasia auton*) – *phainesthai* e *phantasia*.¹⁹ Aqui reside o pensamento da subjetividade como independência de qualquer dado, a imparcialidade – a subjetividade e a negatividade como o lado livre da filosofia, apresentado desde o Parmênides de Platão até ao método crítico de Kant, que é essencialmente próprio apenas da filosofia transcendental. Segundo a feliz descrição Friedrich Schlegel, o cético busca expor *puramente* o elemento *subjetivo* da filosofia, o que é pago ao preço da perda da objetividade – Sexto entende o aparecimento como a minha *representação*, o *phainomenon* como *pura subjetividade* (*livre de qualquer objetividade*), como *representação meramente subjetiva*, *phantasia*, *imaginatio*, como a *minha imagem interna*.

A metafísica tradicional teima das dificuldades apontadas, no dogmatismo do dado, o ceticismo, sob a figura do pirronismo e da sua irmã moderna, a filosofia transcendental, representa, segundo Hegel, o chamado lado subjetivo, a filosofia segunda. Hegel ilustra o momento solipsista-constructivista, imprescindível para o filosofar, em duas passagens características: na *Enciclopédia* menciona-se a partida do barco de nome Pensar, nada mais permanece debaixo ou acima de nós, somos como a balsa de Ulisses, na solidão unicamente conosco. De modo ainda mais acentuado está o mesmo no *Discurso Inaugural de Berlim*: o pensar está só consigo mesmo, lança-se num oceano sem margens, todos os pontos de apoio desapareceram, o eu,

¹⁸ G. W. F. Hegel, *Verhältnis des Skeptizismus zur Philosophie. Darstellung seiner verschiedenen Modifikationen und Vergleichung des neuesten mit dem alten*. TWA 2, 249.

¹⁹ *Ib.* 224.

neste tornar-se só é assolado pelo tormento da incerteza, uma única luz o ilumina, a estrela polar interior do espírito.²⁰

O pensar como sujeito – segundo a *Enciclopédia*, § 20 – é pensante, a expressão simples do sujeito existente como o pensante é o eu. Na medida em que eu estou simultaneamente em todas as minhas sensações, representações, etc., o pensamento está presente em toda a parte e atravessa, como categoria, todas estas determinações. O que é posto nesta unidade da identidade do eu é infetada ou contaminada por elas, é a pura apercepção com a ‘atividade de tornar-meu’. Trata-se do ‘puro ato do pensar’. De um pensar que “assim produz e dá-se a si o seu próprio objeto.”²¹ Uma dimensão imprescindível da lógica como auto-determinação do pensar consiste na determinação subsequente deste si-mesmo, do pensamento da subjetividade, do que é livre – o conceito é o que é livre. No pensar do pensar trata-se também da coisa em si mesma, assim como do puro pensamento, Hegel ensaia o empreendimento hercúleo da ultrapassagem das concepções do *ser dado* e do *construtivo* – a coisa mesma da lógica é a lógica da coisa mesma, e vice-versa, contrariamente à manifesta má interpretação de Marx que, sob a figura do materialismo, reanimou uma espécie de empirismo de tendência metafísica.

No idealismo absoluto, e contrapartida, o finito não é reconhecido como um verdadeiro ente, nem é o alegado imediato, nem o mero mediado. A idealidade do finito vale como o princípio capital da filosofia. O objeto imediato ou exterior não tem – segundo Hegel – uma verdadeira realidade, é algo de só aparentemente autónomo.²² O ceticismo e o idealismo transcendental atacam, para Hegel com êxito, o mito do dado, o realismo dogmático, bem como o dogmatismo do tipo das ideias inatas ou dos neurônios que disparam. Neste sentido, Hegel designa o ceticismo como uma

²⁰ TWA 10, 416.

²¹ TWA 8, § 17.

²² TWA 10, § 426.

ciência negativa levada a cabo através de todas as formas do conhecimento, que mostra a nulidade de meras pressuposições e de afirmações sem mais.²³ Os dois empreendimentos céticos não mais se permitem formular despreocupadamente a expressão “é”.

Com a sua concepção da essência que aparece, um dos momentos fulcrais da Lógica da essência, Hegel procura aceitar o desafio do ceticismo e da filosofia transcendental, e constituir então uma nova compreensão para a existência e a efetividade. Para ele, tanto no pirronismo quanto no idealismo transcendental, a criança é jogada fora juntamente com a água do banho, o que aparece não deve ter nenhuma base no ser, a coisa em si é postulada de fato como algo de além-vazio, como nome vazio, como *caput mortuum*, e excluída do conhecimento. Uma Defendem uma excessiva ternura pelas coisas, que não se devem contradizer – o finito vale como algo em si não-contraditório. O que aparece tem, no entanto, como conteúdo as determinações diversas do que é encontrado, a riqueza totalmente diferenciada do mundo. A *translatio* do ser para o aparecimento implica (a) a vantagem da aniquilação da lenda do imediato como sendo absolutamente, a aniquilação do pensamento da imediatez mediada, refletida, mas implica também, igualmente, (b) a não-ultrapassagem do paradigma da doação, na medida em que o conteúdo não é justamente posto por ele próprio, e é criada uma nova imediatez absoluta, de modo que a unidade da imediatz e da mediação não é suficientemente alcançada. Os fenômenos para o pirrônico continuam a ser aquilo que me aparece imediatamente, e que, então, descrevo. E também em Kant, segundo Hegel, esta imediatez não é completamente ultrapassada, visto que o conteúdo da experiência e da percepção vale como um dado, e que não se pode derivar como e até onde o pensar é auto-determinado. Na *Doutrina da Ciência* de Fichte de 1794, ainda segundo Hegel, o famigerado *choque* [*Anstoß*] é contido imediatamente no eu, mas a negatividade é um mero *acréscimo*, não é imanente em sentido rigoroso, a

²³ TWA 8, § 78.

negatividade do idêntico não é pensada de modo imanente. Não podemos, naturalmente, examinar agora este ponto mais além. Na *Lógica da Essência*, Hegel vê em Fichte o idealismo subjetivo como o construcionismo elaborado do modo mais consequente, e refere o *idealismo sistemático da subjetividade*. Todo o conteúdo é válido justamente como meu, no sentido das egoidades, e a filosofia não mais pode abandonar este princípio, contra todas as variações do realismo e do materialismo, que continuam virulentas até hoje. Em Fichte isto liga-se à afirmação da exclusividade desta forma contra toda a objetividade, contra a existência exterior do conteúdo, reduzindo assim o contributo positivo do entendimento reflexivo, diferenciador, e também da experiência.

Torna-se assim claro o caminho pedregoso ensaiado por Hegel entre Cila e Caríbdiss, como os dualismos podem ser ultrapassados: o dualismo do dogmatismo e do ceticismo, na terceira filosofia, que não é nem dogmatismo nem ceticismo, e por isso é também ambos simultaneamente; o dualismo do realismo do ser e do idealismo subjetivo, do *Myth of the Given* e do *Myth of the Construction*, no pensar especulativo conceitual do idealismo absoluto.

3. Negatividade imanente e Lógica da Essência

O ceticismo e o idealismo, a isostênia e a antinomia demonstram a nulidade de todo o finito, a alegada solidez do entendimento é posta em dúvida. A reflexão põe em relação as determinações isoladas, mas deixa-as na sua validade isolada, tanto uma quanto a outra. Para Hegel o que está em causa é então compreender a esfera da reflexão como esfera da contradição posta, mostrar o ir além imanente e logicamente necessário das determinações do entendimento, a negação como auto-superação do finito. Como instrumento latente conta-se neste contexto a estratégia argumentativa contra os 3 *tropoi* de Agripa, o cerne e estádio mais elevado de todo o entendimento, o teorema da

isostenia, que não pode ser atacado a partir de fora, com outros argumentos, mas só de modo imanente, invertendo a situação – *to turn the tables* – aqui sob a forma da aplicação do tropo da relatividade a si próprio. Assim, a proposição “*todo o saber é relativo*” sucumbe ele próprio à relatividade – o entendimento ignora-se a si próprio. O ceticismo representa, assim, o dialético isolado por si pelo entendimento e fixado em conceitos científicos, com o resultado da mera negação. Segundo Hegel, o verdadeiro dialético vai de modo imanente além da reflexão, até à superação dinâmica de si da imediatez e da mediação unilateral. Como se sabe, o § 82 da *Enciclopédia* formula as determinações centrais do pensar especulativo, conceitual como o estágio supremo, que se diferencia do momento dialético e intelectual do elemento Lógico, o que contraria diametralmente o clichê, recitado de modo omnipresente, de Hegel como um dialético.²⁴

Também esta questão só pode ser aqui abordada de modo muito breve, com a transição que, segundo Hegel, é a mais difícil, da necessidade para a liberdade, da efetividade ao conceito. Um termo decisivo é aqui, como se sabe, a autonomia como determinação subdeterminada da liberdade. Elevada ao topo do uno que é por si, ela seria a autonomia abstrata e formal que, como liberdade abstrata, aparece em formas concretas, por exemplo, na *Filosofia do Direito*, como o arbítrio, o puro dever, o mal. Porém, a autonomia não permanece nesta unilateralidade, mas exhibe também a estrutura da relação acima descrita, da universalidade e da particularidade, em especial no que se refere à transição fundamental do universal para o particular. A autonomia vale como a relação negativa infinita a si, uma autonomia que ‘é o repelir-se a si em direção ao autônomo diferente, e que, como este repelir-se, é idêntica a si, e que é esta relação mútua somente consigo’.²⁵ Nesta espécie de pensar da necessidade a estrutura da liberdade está já fundamentalmente

²⁴ Enc. § 48 fala do “momento dialético do Lógico”, cf. também Enc. § 82 sobre a *Lógica especulativa*.

²⁵ Enc § 158, 302 s.

preenchida, a passagem para a Lógica do Conceito está já indicada – o coincidir do conceito consigo próprio no seu outro. Hegel fala já aqui decididamente de libertação, do conceito como o livre, do conceito como a mediação livre consigo pela qual esta libertação, como existindo por si, se chama ‘eu’,²⁶ onde novamente aparece o recurso ao cepticismo e ao idealismo. Também aqui a *Ciência da Lógica* se mostra como teoria da auto-determinação do conceito, como teoria lógica da liberdade, capaz de ultrapassar a antinomia habitual da necessidade e da liberdade. Hegel ilustra isto com a injustiça existente como uma particularidade da justiça, onde o aparecimento do direito transita para a aparência. A verdade desta aparência mostra-se com a sua nulidade, onde o poder da essência, expresso no fato da pena, que é compreendida pelo criminoso como um poder estranho, que o submete, e como restrição da sua liberdade. Na pena, o que é livre surge ao criminoso sob a aparência de um outro. No entanto, a pena não expõe senão a manifestação do seu próprio agir, a consequência e a lei da sua própria vontade, lei que reside na sua própria ação, o restabelecimento necessário da completude da sua própria ação, a pena é o racional no seu ato enquanto crime.

A denominada dificuldade da transição para a Lógica do Conceito tem ainda de ser mais profundamente explicada. Um momento central constitui aqui presumivelmente a categoria da contingência que, no prático, expõe o momento do arbítrio. No que se refere à transição para o domínio do conceito como o domínio da subjetividade e da liberdade importa também o esclarecimento do que é dito sobre a contingência absoluta dos diferentes e da passagem da contingência para a liberdade, trata-se de compreender o singular como determinidade idêntica a si, que justamente não surge como um nada completamente vazio – trata-se da superação da Lógica da Essência na ‘liberdade infinita do pensar conceitual’.

²⁶ Enc, § 159.

Brevíssima conclusão

O bom Ulisses, que teve de navegar sozinho através do estreito siciliano, salvou-se por pouco dos dois monstros prendendo-se a uma figueira. Esta solução do presumido dilema da unilateral imediatez e da mediação unilateral, direcionada para a compreensão do aparente paradoxo da imediatez mediada, da determinidade da indeterminidade, não estava disponível para Hegel. Algumas facetas do campo deste problema podem ser aqui mencionadas, orientadas pela temática abordada do ceticismo, da metafísica e da filosofia transcendental. Em qualquer caso, a clarificação da transição da Lógica da Essência para a Lógica do Conceito permanece uma das maiores dificuldades ainda não suficientemente resolvidas na interpretação da Lógica da Essência. O *código lógico da relação do universal com o particular*, que precisamente não apresenta nenhum dilema como o moinho de vento no xadrez, mas antes a empolgante variante hegeliana da Defesa Siciliana e a sua compreensão própria da liberdade, poderiam constituir a base para o esclarecimento do problema. Em qualquer caso o projeto de Hegel consiste na ultrapassagem das posições unilaterais do construtivismo (do idealismo subjetivo) e do realismo, na tentativa de uma ligação como superação de ambas as concepções. A Lógica da Essência constitui um importante passo nessa direção.

Tradução: Diogo Ferrer